

Aspectos pragmáticos da Libras como língua adicional

Pragmatic Aspects of Libras as Additional Language

Marina Xavier Ferreira*
Maurício F. N. Benfatti**

DOI: 10.19177/memorare.v7e22020104-114

Resumo: A Libras é a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros, mas que também é adquirida por muitos ouvintes, com propósitos diversos, no domínio de línguas adicionais. A pragmática, por sua vez, é uma vertente da linguística que estuda o uso da linguagem em interações reais. Esta ciência tem se aprimorado com o passar dos anos e auxiliado em muitas pesquisas, inclusive no âmbito de aquisição de línguas adicionais. Este artigo tem o propósito de identificar alguns aspectos da aquisição de Libras como língua adicional pela perspectiva pragmática. Para tanto, buscou-se identificar as relações existentes entre a pragmática e o contexto de aquisição de segundas línguas, bem como essas relações interferem na aquisição de libras como língua adicional. Logo, observou-se como a pragmática pode contribuir para a aquisição da Libras por ouvintes, principalmente em aspectos como a ostensão. **Palavras-chave:** Linguagem. Pragmática. Aquisição de línguas adicionais. Libras. Teoria da Relevância.

Abstract: Libras is the sign language used by Brazilian deaf people, but it is also acquired by many listeners, with different purposes, in the domain of additional languages. Pragmatics, in turn, is a strand of linguistics that studies the use of language in real interactions. This science has improved over the years and has helped in many researches, including the acquisition of additional languages. This article aims to identify some aspects of the acquisition of Libras as an additional language from a pragmatic perspective. To this end, we sought to identify the existing relationships between pragmatics and the context of acquiring second languages, as well as these relations interfere with the acquisition of pounds as an additional language. Therefore, it was observed how pragmatics can contribute to the acquisition of Libras by listeners, especially in aspects such as ostension.

Keywords: Language. Pragmatic. Acquisition of Additional Languages. Libras. Relevance Theory.

* Mestre e doutoranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná. Pesquisador(a) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: marina.xavieruepg@hotmail.com

** Doutor em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná. E-mail: mfbenfatti@yahoo.com.br

1 Introdução

Sabe-se que para que a comunicação ocorra de forma eficiente é necessário que ambos interlocutores utilizem a linguagem de forma a produzir algum significado, com uma intenção e com um propósito, afinal, não se comunica nada sem que haja algum objetivo, mesmo que este seja a própria interação. Para tanto, quando se adquire uma língua adicional estão em jogo componentes pragmáticos sociais e cognitivos que farão parte da aquisição¹. No âmbito da aquisição da Libras como língua adicional também estão presentes esses mesmos componentes. Neste texto temos como objetivo identificar alguns aspectos da aquisição de Libras como língua adicional pela perspectiva pragmática. Para tanto, num primeiro momento verificou-se as relações entre aquisição de línguas adicionais e a pragmática e a aquisição da Libras como língua adicional. Por fim, observaram-se algumas contribuições da pragmática para a aquisição da Libras por ouvintes.

2 Os estudos pragmáticos

As teorias da comunicação, desde a aristotélica até a semiótica peirceana, defendiam que a comunicação ocorria por meio de um processo de codificação e decodificação de mensagens, ou seja, a cópia idêntica do código transmitido. Neste modelo teórico, o falante emite uma mensagem através de um sinal e o ouvinte decodifica a mensagem. Os diversos problemas que podem acontecer ao longo desse processo de codificação-decodificação de mensagens são considerados ruídos comunicativos. A partir desse modelo, várias vertentes linguísticas surgiram e as concepções de língua e linguagem, em consequência, foram sendo revisadas sob várias perspectivas teóricas.

O modelo de código para a comunicação humana se tornou a base das teorias da comunicação e da significação do século XX por meio do influente trabalho de Shannon e Weaver (1949). No entanto, inúmeras abordagens demonstraram sérias limitações do modelo de código. Na trajetória da pragmática, é importante mencionar o deslocamento do foco de observação das estruturas linguísticas para os mecanismos cognitivos envolvidos nos atos de interação linguística. Podemos apontar os trabalhos de Austin (1969) e Grice (1982) como fundamentais a esse deslocamento. Austin demonstrou que o significado socialmente convencional de sentenças performativas só é possível de ser alcançado uma vez que os interlocutores do ato comunicativo reconheçam e legitimem a autoridade de quem as enuncia (por exemplo, a sentença “Eu os declaro marido e mulher”). Já a influente obra de Grice demonstrou que uma série de fenômenos semânticos, tais como a ironia ou a metáfora só poderiam ser enquadrados em uma teoria da

¹ Em relação às diferenças entre aquisição e aprendizagem, nos embasamos em Rod Ellis (1994). Em uma reflexão a respeito destas nomenclaturas, o autor chama a atenção de que a distinção feita por estudiosos coloca a aquisição como um processo subconsciente de “contrair” uma língua por meio de uma exposição e a aprendizagem como um processo consciente de estudá-la. Mas, segundo Ellis (1994, p.14), de acordo com esta perspectiva é possível que um aluno apenas aprenda ou adquira uma língua de forma independente e em tempos separados. Logo, o autor mostra que este tipo de divisão é problemática para os professores pela dificuldade em demonstrar se o conhecimento foi aprendido ou adquirido. Assim, esses dois termos são usados pelo estudioso de forma permutável, de maneira que a aquisição possa significar tanto uma ocorrência ou início, como um uso preciso da língua.

significação se os mecanismos cognitivos de atribuição de intencionalidades fossem levados em consideração.

2.1 A pragmática e a aquisição de línguas

A pragmática é uma ramificação da linguística que estuda fenômenos de uso da linguagem. Este ramo tem sido explorado pelos pesquisadores de diversas áreas, inclusive de aquisição de línguas adicionais. Neste sentido, acredita-se que os estudos pragmáticos podem dar suporte às questões de aquisição. Uma das teorias pragmáticas que pode servir como embasamento teórico é a Teoria da Relevância (TR). Esta teoria tem como alicerce a relevância, uma propriedade cognitiva dos seres humanos que auxilia na escolha dos *inputs* linguísticos recebidos a serem processados e também no processamento cognitivo.

Sperber e Wilson (2001), autores da TR, e embasados em Grice (1982), postulam que os seres humanos apenas processam os *inputs* que lhes são mais relevantes. Os *inputs* escolhidos são processados na mente de acordo com o contexto (situacional e mental), o conhecimento enciclopédico e as idiossincrasias do indivíduo (crenças, vivências, emoções, sentimentos, etc.). É com base nesta teoria que iremos discorrer adiante acerca da interface pragmática e aquisição de línguas adicionais.

Sperber e Wilson (2001) postulam que os processamentos de *inputs* se dão em uma relação de custo-benefício, em que maior será a relevância se houver um efeito cognitivo grande neste processamento, e que este seja conseguido com baixo custo. De acordo com Ferreira (2017) primeiramente pode-se afirmar que a relevância determina qual *input* será processado, interferindo no esforço de processamento e no efeito contextual conseguido no processamento. Se este efeito for grande, se tiver significado para o indivíduo, de acordo com seu conhecimento e suas crenças, esta implicatura (resultado da inferência) será armazenada na memória, juntando-se com os conceitos que o indivíduo tem, aprimorando seu ambiente cognitivo. Sperber e Wilson afirmam que “um *ambiente cognitivo* de um indivíduo é um conjunto de fatores que lhe são manifestos” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 80), um “conjunto de suposições que o indivíduo tem a capacidade de representar mentalmente e de aceitar como verdadeiro”. (ibidem, p. 89). Nessa perspectiva, quando comunicamos algo, temos a intenção de promover uma modificação no ambiente cognitivo de nosso ouvinte, tornando certos fatores manifestos ou mais manifestos.

Desde que este *input* tenha significado e, posteriormente, uma implicatura, o ato de aprender aquela língua será mais relevante. Ou seja, a partir de que há significado no que se aprende, há relevância, e se há relevância, é muito mais fácil de a implicatura do *input* ser armazenada na memória e ser adquirida. Além disso, as nossas expectativas de relevância modelam o processo de aquisição de língua adicional. No entanto, o ato de “ser relevante” nem sempre é duradouro, podendo em um momento ser e em outro já não ser mais. Logo, têm-se a relevância em graus, que sempre devem ser mantidos para uma melhor aquisição de conhecimentos.

Acerca do contexto, Ferreira (2017) afirma que esse reúne tanto aspectos situacionais como mentais.

Logo, num contexto de aquisição de línguas adicionais estarão presentes tanto o contexto de sala de aula e suas características temporais, como o contexto mental do aluno, sendo este formado por suas idiossincrasias e pelo conhecimento da língua estudada por ele (gramatical, cultural, sociodiscursivo, pragmático). Também terá influência o conhecimento de sua língua materna, da estrutura ensino-aprendizagem (relações professor/alunos/escola), entre tantos outros conhecimentos necessários para um aprendiz da língua. Além disso, há uma relação íntima no estudo da língua pelo aprendiz e suas crenças a respeito desta língua, de sua língua materna e da interação social em que está inserido. Também há relação entre as afetividades e emoções e a aquisição. Como vimos no capítulo 2, no processamento das informações as emoções têm um grande papel, pois determinam as interações cognitivas e sociais. (FERREIRA, 2017, p. 94-95).

Ademais, a autora postula a relação custo-benefício de efeito/esforço, o grau de relevância e a retroalimentação necessários para a relevância, assim como também para a aquisição de uma língua. O contexto cognitivo é alimentado pelo contexto situacional, o que permite todas estas mudanças. Além disso, as emoções, crenças e estilos cognitivos permitem que as idiossincrasias façam parte das inferências e, portanto, das possíveis ações. Logo, todo contexto social é regido por um contexto cognitivo, assim como toda situação real vivenciada na língua será regida por meio das crenças que o aluno tem e seus conhecimentos enciclopédicos. Os conhecimentos enciclopédicos, as vivências e as crenças do ser humano são um reflexo das crenças da comunidade de prática que esse indivíduo está inserido. Logo, as comunidades de prática permitem que os âmbitos culturais não estejam relacionados com a cultura, mas com as diferenças culturais dentro de cada cultura, em suas comunidades. Assim, ao aprender uma língua é necessário estudar como as comunidades de interação social da língua alvo funcionam, tentando não cair nos estereótipos culturais criados.

Portanto, pode-se afirmar que as características dessa propriedade – a relevância – vão ao encontro das propriedades necessárias à aquisição de línguas adicionais, concluindo-se que os aspectos pressupostos pela pragmática podem auxiliar nas pesquisas de aquisição de línguas.

Dentre esses aspectos, apontamos também a ostensão, elemento muito importante na língua de sinais. A ostensão é uma característica da linguagem verificada por Sperber e Wilson (2001). Nessa perspectiva, os estímulos podem ser utilizados para tornar uma intenção informativa mais manifesta, uma vez que “os *estímulos ostensivos*, como os iremos chamar, têm de satisfazer duas condições: a primeira, de atrair a atenção dos receptores; a segunda, a de fazer incidir sobre as intenções da pessoa que comunica.” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 236). A ostensão nada mais é do que fazer com que o ouvinte tenha atenção na intenção do falante.

Para os autores, quando estamos fazendo alguma atividade de modo consciente, os nossos sentidos percebem tudo ao mesmo tempo. Os mecanismos perceptuais humanos são orientados para a otimização da relevância, ou seja, fazemos a seleção das informações que nos são

suscetíveis, que estão ao nosso redor de acordo com o que é mais relevante para nós nesse momento. Ao lermos um livro, por exemplo, muitas vezes não prestamos atenção nas outras coisas que estão ao nosso redor (barulho de carros, cantar dos pássaros), pois a leitura é mais relevante. Assim, de acordo com o princípio de relevância, um *input* será relevante para um indivíduo se o esforço mental para o processamento for pequeno e o efeito cognitivo for grande. Para Sperber e Wilson (2001) um estímulo é um fenômeno concebido para conseguir efeitos cognitivos.

Assim, o falante deve demonstrar ao ouvinte que o que ele pretende comunicar é relevante, para valer a pena ser processado. Portanto, os autores destacam: “um ato ostensivo é um pedido de atenção.” (ibidem, p. 239). Um ato ostensivo, segundo a TR, é um estímulo relevante aos ouvintes, que comunica uma presunção de relevância. Percebemos, assim, que a relevância sempre dependerá dos fatores efeito e esforço. Portanto, a presunção de relevância é a de que o efeito cognitivo seja maior do que o esforço empreendido no processamento.

Segundo a TR, temos que, quando o falante faz uso de um ato ostensivo, o estímulo é o mais relevante que ele (o falante) poderia utilizar, mesmo que a comunicação falhe. A ostensão é uma garantia tácita de relevância, pois ela guia o ouvinte às nossas intenções de forma que ele acredite que o que vamos comunicar será relevante. Para os autores um comportamento ostensivo fornece evidências do pensamento de quem está envolvido no ato comunicativo. Até o silêncio na comunicação pode vir a ser ostensivo.

Portanto, Sperber e Wilson defendem que a comunicação ocorre a partir da ostensão, em que o falante irá guiar o ouvinte ao que ele deseja comunicar, e o ouvinte, por sua vez, fará inferências para tentar compreender o que o falante está tentando comunicar. Assim, para a TR, a comunicação é inferencial-ostensiva: “consiste em tornar manifesto a um receptor a intenção de se tornar manifesto um nível básico de informação”. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 100).

3 A aquisição de Libras como língua adicional

Por muito tempo, a língua de sinais foi vista apenas como mímica ou gestos aleatórios para a comunicação entre os surdos (SOUZA, 2009). No entanto, assim como nas línguas orais, as línguas de sinais possuem uma estrutura própria, concordância e todos os elementos linguísticos de uma língua: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Esta estrutura tem uma linearidade e a língua é formada por três parâmetros dependentes entre si. Ou seja, não há significação quando um parâmetro está só, para que haja compreensão é necessária a utilização dos três parâmetros, que são a configuração de mão, locação e movimento. A mudança de algum destes parâmetros na realização de um sinal pode gerar uma mudança semântica na comunicação.

No âmbito da aquisição de línguas, pode-se encontrar a divisão entre aquisição da língua materna (a primeira língua que o indivíduo aprende de forma natural) e a aquisição de segundas línguas (que podem ser encontradas também como língua estrangeira ou língua adicional, dependendo da corrente teórica de estudo). Para os surdos a

língua de sinais é sua língua natural e deveria ser adquirida como língua materna, o que muitas vezes não acontece. Já para ouvintes, esta aquisição pode ocorrer em três situações: de forma simultânea com sua língua materna, de forma espontânea, mas não simultânea com sua L1, ou de forma sistemática, em ambientes artificiais, geralmente no âmbito escolar. Assim, a grande diferença nestas formas de aquisição é a forma de exposição de quem aprende a língua. Neste artigo será tratada a Libras como língua adicional, aprendida por ouvintes que já têm sua língua materna, ou seja, num âmbito sistemático.

Por conseguinte, as línguas de sinais são “imagéticas, tridimensionais e se ancoram no padrão da simultaneidade” (STEIN, 2018, p. 32-33), ou seja, não são construídas de forma linear, mas de modo simultâneo. Segundo Stein, as línguas de sinais também cumprem as mesmas funções sociais e mentais que as línguas orais:

As línguas de sinais são sistemas convencionais de comunicação que surgem espontaneamente em todas as comunidades surdas. Eles são adquiridos durante a infância através da exposição normal sem instrução. As línguas de sinais cumprem efetivamente as mesmas funções sociais e mentais das línguas faladas, e podem ser interpretadas simultaneamente de e para as línguas faladas em tempo real. Essas características comuns básicas levam a uma expectativa convincente: que as linguagens naturais nas duas modalidades serão semelhantes entre si, do ponto de vista estritamente linguístico, tanto no conteúdo quanto na organização. Mas quão semelhantes são as línguas de sinais e as línguas faladas? Quando tentamos descrever e analisar a morfologia, a sintaxe e a fonologia na Língua de Sinais, estamos vagando no campo da metáfora? Ou estamos viajando em território familiar? Por “fonologia da Língua de Sinais”, por exemplo, queremos dizer apenas que as linguagens de sinais têm uma taxonomia de componentes formacionais? Ou realmente queremos dizer que eles têm um conjunto finito de unidades contrastantes sem sentido que se combinam de formas limitadas para formar morfemas e palavras significativas, e que as representações mentais desses itens lexicais podem diferir previsível e discretamente de sua realização real? A diferença entre a última caracterização e a primeira é a diferença entre a analogia metafórica com a fonologia da linguagem falada e a comparação concreta. Mais do que isso, a última caracterização descreve um sistema linguístico e o primeiro, bem, quase tudo. Pensamos que a maneira de abordar essa questão é levar a teoria linguística a sério, como uma teoria sobre as propriedades universais da linguagem humana, e usá-la na investigação de linguagens humanas naturais em uma modalidade física diferente. (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006, p. 13, *apud* STEIN, 2018, p. 33).

Ou seja, a Libras é aprendida naturalmente quando primeira língua, o que não ocorre quando é aprendida como segunda língua. Na aquisição de segundas línguas, há um esforço muito maior, pois geralmente os usuários fazem relação da língua estudada com a sua língua materna e, neste caso, como as línguas de sinais têm uma estrutura gramatical diferente, o aprendiz deve levar em conta essa diferença ao tentar produzir os sinais existentes na língua.

Quadros (1997) afirma que, em relação à aquisição de Libras como língua adicional, é muito importante que haja a interação verbal da língua, sendo esta dividida em três estágios: a) o *input*, que seria a linguagem apresentada ao estudante e que permite que este crie hipóteses sobre a língua e seu uso; b) o *output*, que seria a linguagem produzida pelo estudante, que é criada por meio das hipóteses

formuladas a partir do *input* e testada no *output*; c) o *feedback*, que avalia a linguagem produzida pelo aluno, bem como comprova ou refuta suas hipóteses. Para o autor, o *input* é imprescindível, principalmente o visual.

Além disso, Quadros também afirma que os *inputs* recebidos por uma língua de sinais são visuais, por isso esse aspecto deve ser altamente explorado para que a aquisição ocorra. Por conseguinte, para que a aquisição ocorra de forma satisfatória, é necessário que sejam apreendidos não somente os parâmetros primários (configuração de mãos, ponto de articulação e movimento) e secundários da língua (disposição das mãos e região de contato), mas também os componentes não-manuais que compõe a Libras, como expressões faciais e movimento corpóreo. Estes componentes abarcam a marcação de construção sintática e diferenciação entre itens lexicais. São estes elementos que demonstrarão também quais os significados que o falante quer que o seu interlocutor perceba, ou seja, os movimentos e expressões ostensivas.

Ferreira-Brito (1995), por exemplo, afirma que a diferença entre os verbos 'pensar', 'duvidar' e 'entender' é realizada por meio dos componentes não manuais. Souza (2009) explica que a grande diferença entre os três verbos é a expressão facial e o que se faz ao produzir o sinal:

Nos três sinais, a configuração é a mão em G, com a ponta do indicador em contato com a parte lateral da cabeça. Em PENSAR há apenas um toque; em DUVIDAR, o toque é acompanhado do olhar e da expressão facial indicando dúvida e de balanço da cabeça para os lados; finalmente em ENTENDER é realizado com um toque do indicador e um rápido afastamento, enquanto os olhos se abrem. (SOUZA, 2009, p. 284).

Logo, as expressões não manuais fazem grande diferença na hora da comunicação. Dentre elas Quadros e Karnopp (2004) destacam as expressões no rosto (como sobrancelhas franzidas ou levantadas, olhos arregalados e lance de olhos, bochechas infladas ou contraídas, lábios contraídos, franzir o nariz e o correr da língua) na cabeça (como o balanço para os lados ou para frente e para trás, e as respectivas inclinações), no rosto e cabeça simultaneamente e no tronco (como balanceamentos alternados ou simultâneos dos ombros, e para frente ou para trás). Estas expressões são de cunho semântico-pragmático e vão funcionar, como veremos mais adiante, como elementos importantes para questões pragmáticas da comunicação.

Além disso, os componentes culturais da cultura surda também devem ser adquiridos e não somente a estrutura da língua. Por componentes culturais trazemos o uso da língua, suas particularidades e usos socioculturais, bem como os valores, as crenças compartilhadas, o convívio com a comunidade surda e os demais componentes que fazem parte da vida dos surdos. Não basta apenas saber utilizar bem a linguagem de sinais, mas deve-se saber utilizá-la de forma adequada. A adequação na aquisição de uma língua adicional é um dos principais componentes da competência comunicativa da língua alvo (VIDAL, 2005).

4 Aquisição de Libras e pragmática

A Libras, como qualquer outra língua, dá-se no fenômeno da comunicação entre duas ou mais pessoas. Por esse motivo, ela é afetada pelas características linguísticas como as demais línguas. Acentuamos que há pouquíssimas pesquisas que apontam a contribuição da pragmática para esta língua, e menores ainda as pesquisas que se debruçam sob questões de pragmática na aquisição de libras como uma língua adicional. Portanto, este é nosso objetivo neste capítulo.

Como vimos acima, a pragmática possui diversas vertentes. Utilizamos a TR como teoria base e elencamos alguns pontos da teoria relevantes ao nosso texto. Em relação à aquisição de Libras como língua adicional, podemos afirmar que o reconhecimento do *input* nos parece o ponto primordial para um começo da comunicação. Apesar de a Libras ser uma língua visual e muitos dos sinais existentes estarem conectados com algum sinal que faríamos em uma comunicação gestual, se o aprendiz não tiver um bom conhecimento da língua, ele não atenderá as expectativas esperadas na comunicação. Isso se dá, porque há necessidade de que se conheça a estrutura linguística em que o enunciado é pronunciado para que o *input* possa ser primariamente processado, possa entrar em contato com os conhecimentos enciclopédicos do “ouvinte” (entre outros elementos importantíssimos para o processamento inferencial²) e este possa construir uma atitude mental proposicional, ou seja, qual será a atitude do interlocutor a respeito daquele *input*.

Igualmente, para que a aquisição da Libras se dê é importante que a aprendizagem seja relevante, tenha significado para a vida do aprendiz. Quanto mais relevante for este aprendizado, mais motivado este estiver, menor será o esforço cognitivo para que ele aprenda a língua, maior será o efeito contextual, o que gera o significado, sendo os *inputs* emitidos pelo professor, por vídeos, pelos colegas, ocorrendo a aquisição. Logo, a relevância é necessária tanto para a aprendizagem da língua, como para os *inputs* que serão emitidos pelo professor ou pelos “falantes” da língua alvo, ou seja, a comunidade surda.

Sobre um tipo de aprendizagem relacionado ao ensino formal, também ressaltamos que, o ensino-aprendizagem formal não condiz com os pressupostos postulados por Sperber e Wilson (2001) no tocante à relação de efeito e esforço cognitivo. Quando aprendemos algo, desprendemos muito esforço cognitivo, o que gera menos relevância ao processamento. No entanto, acreditamos que quando o aprendiz está motivado, quando há um desejo real de aprender, a aquisição de uma língua adicional se dá igualmente, mesmo que o esforço seja grande, pois o efeito resultante do processamento valerá a pena. Assim, também é dever de quem ensina a língua, tornar o ambiente e o conteúdo mais acessíveis ao conhecimento de mundo do adquirente.

Por conseguinte, podemos perceber que as línguas de sinais são totalmente ostensivas, ou seja, por meio dos sinais utilizados, mas principalmente das expressões não manuais, pois por meio delas é que

² Ver Santos (2014) e Santos e Godoy (no prelo).

os usuários da Libras transmitem o que querem comunicar. Ou seja, a intenção informativa está determinada nestes aspectos comunicativos da língua de sinais. Isso se dá porque a Libras não possui flexões gramaticais, ou seja, de tempo, de espaço nos sinais manuais, seus usuários precisam utilizar de táticas para que se consiga transmitir o conteúdo linguístico com eficácia. Essas táticas se concentram nas expressões não manuais, como movimentos na cabeça, no tronco, e expressões faciais, por exemplo, ou sinais específicos que se somam ao enunciado. Isso pode ser intensificado para comunicar “algo mais”, para dar a entender melhor o que querem dizer, bem como apontar para o que é mais importante na comunicação, o que efetivamente é mais relevante para o processamento.

Logo, a ostensão torna a comunicação de sinais mais fácil. No entanto, como muitas vezes as características ostensivas são um pouco mais individuais, é necessário que o aprendiz da língua conheça com precisão a língua de sinais e seu interlocutor. Assim, quanto maior a distância social entre os interlocutores, menor será a possibilidade de uso da ostensão, quanto menor seja a distância social, será mais fácil o uso da ostensão e, portanto, a comunicação será efetuada de melhor forma e mais facilmente.

Em consonância, durante a comunicação, é importante estar ciente do contexto social e mental dos indivíduos inseridos na conversação, em que, o entorno contextual deve ser levado em conta, bem como os conhecimentos de mundo e os conhecimentos da língua que está sendo utilizada. Para a construção do significado é importante que não haja mal-entendidos na comunicação. Assim, qualquer configuração de mão malfeita ou ponto de articulação equivocado pode provocar problemas na interação.

Assim, a estar aberto a diferentes culturas é muito importante. Se a crença do aluno for de que a Libras é uma língua icônica, ou seja, feita apenas por sinais como a mímica, por exemplo, ou que a comunicação realizada por surdos é compreendida apenas por datilologia, haverá uma grande disparidade na conversação. Por isso, os conhecimentos linguísticos e de mundo são igualmente relevantes. Ademais, há expressões linguísticas na Libras que são dependentes da comunidade de prática que o aprendiz está inserido. A variação linguística se dá tanto em países diferentes, como em comunidades de práticas diferentes, como ocorre nas outras línguas.

Por isso, é de suma importância estar ciente que algumas expressões, até ostensivas, podem significar coisas diferentes em localidades ou grupos diferentes. A Libras é uma língua comum, que se modifica constantemente de acordo com o seu uso. Qualquer aprendiz de línguas adicionais deve ter isso em conta: que uma língua não é um todo unificado.

Para que o aprendizado flua de forma integral, também é importante que o estudante de Libras tenha contato com a cultura surda e com seus falantes. Muitas vezes, por desconhecimento ou até por algum tipo de preconceito, os aprendizes se retraem, ficando presos apenas à teoria. Isso desconsidera a linguagem em todo o seu uso. É importante conhecer como os surdos convivem socialmente, seja no âmbito familiar, escolar, social em geral. Essa inclusão social, além de

permitir um aprimoramento nas estruturas da língua, também permite um conhecimento necessário para a interpretação dos enunciados e seus significados em diferentes contextos de uso.

6 Conclusão

Neste artigo discutimos a contribuição dos preceitos da pragmática para a aquisição da Libras como língua adicional. Buscou-se evidenciar a relação entre a pragmática e a aquisição de línguas adicionais, em seguida discutiu-se a Libras neste âmbito, para, por fim, levantar algumas contribuições da pragmática para a aquisição da Libras. Constatamos que alguns preceitos pragmáticos como o contexto, o conhecimento enciclopédico e as idiossincrasias fazem parte da interpretação dos *inputs* recebidos nessa língua. Ademais, a imersão em comunidades de prática e o contato com aspectos culturais da língua são imprescindíveis para o conhecimento da Libras e sua aquisição. Todos estes elementos são cruciais para a aquisição desta língua, além da relevância e do uso da ostensão. Portanto, os estudos pragmáticos conseguem auxiliar no processo de aquisição da Libras por ouvintes. Se o aluno e o professor conseguirem trabalhar com estes constituintes, com certeza a aquisição da Libras ocorrerá de forma muito mais eficaz.

Verificamos também que a propriedade ostensão, postulada por Sperber e Wilson (2001), e que faz parte das características pragmáticas, também está relacionada com as línguas de sinais. Por conseguinte, a Libras é uma língua ostensiva – inferencial, nos termos da Teoria da Relevância. O que determinará, então, o maior ou menor uso de aspectos ostensivos pelos falantes será o grau de proximidade entre eles.

Portanto, é indiscutível a necessidade de um aprendiz de Libras como língua adicional conhecer também os aspectos pragmáticos das línguas de sinais. Assim, a aquisição e adequação do uso destas línguas ocorrerá com maior facilidade e de forma mais eficaz.

Referências

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962/1990.
- BRITO, L.F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FERREIRA, M. X. **A relevância como gatilho pragmático da motivação na aquisição de línguas adicionais**. 2017. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In. DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística – pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística-bibliografia**. Campinas: Unicamp, 1982, p. 81-103.
- ELLIS, R. **The Study of Second Language Acquisition**. New York: Oxford, 1994.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.
- QUADROS, R. M. de. **Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 110, p. 125-146, 1997.

- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University, 2006.
- SANTOS, S. L. **O enigma da piada**: convergências teóricas e emergência pragmática. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2014.
- SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **The Mathematical Theory of Information**. Urbana: University of Illinois, v. 97, 1949.
- SOUZA, Diego Teixeira de. **Língua Brasileira de Sinais**: as dificuldades encontradas por ouvintes na execução da marcação não-manual e sua interferência na mudança de significado. FURB: Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 2, n. 3, p. 279-290, 2009.
- SPERBER, D; WILSON, D. **Relevância**: comunicação e Cognição. Trad. Helen Santos Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Original em 1986).
- STEIN, J. S. **Estratégias de polidez nos pedidos feitos em libras**: um estudo de faces. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- VIDAL, M. V. E. Aportaciones de la pragmática. In: SÁNCHEZ LOBATO, J., I. Santos Gargallo. **Vademécum para la formación de profesores**. Madrid: SGEL, 2005. p. 179-193.

Artigo enviado em: 10/06/2020. Aprovado em: 08/08/2020.